



A Queda do Boeing MH370 no Jornalismo Impresso: Reflexões Sobre a Cobertura da Folha de São Paulo¹

Ariadne SIQUEIRA²
RaphaelaOrlandi SUZIN³
MicheleNEGRINI⁴

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a cobertura da Folha de São Paulo à queda do Boeing MH370, da Malaysia Airlines. Neste caso, o jornalismo impresso se deparou com a ausência de imagens para legitimação das informações divulgadas. O estudo é ancorado em análises descritivas e comparativas entre duas reportagens publicadas no Jornal Folha de São Paulo, uma publicada no dia 8 de março, data em que foi noticiado o desaparecimento; e a outropublicada no dia 18 de março, com seu desdobramento final, quando as autoridades malasianas anunciaram a queda do Boeing no Oceano Índico.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; fotojornalismo; imagem e texto; jornalismo interpretativo.

INTRODUÇÃO

"Avião da Malásia some com 239 a bordo". A informação é do jornal Folha de São Paulo, do dia 8 de março. O voo saiu da capital da Malásia, Kuala Lumpur, à 0h41 (horário local), a previsão era de chegada em Pequim, na China, às 6h30. Duas horas depois da decolagem, a companhia aérea *Malaysia Airlines* perdeu o contato com a aeronave.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: ariadne_siq@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: raphasuzin@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPEL, email: mmnegrini@yahoo.com.br



A bordo do voo MH370 estavam 227 passageiros. Entre eles duas crianças e 12 tripulantes. Entre os contingentes, a maioria era de chineses (163), seguidos por malasianos (38), indonésios (12). A aeronave ainda transportava italianos, estadunidenses, franceses, ucranianos, canadenses, russos, holandeses, austríacos, taiwanês, neozelandês.

“Está tudo certo, boa noite”. Esse foi o último diálogo da companhia com a tripulação do avião. Logo depois, a rota do voo foi alterada. De acordo com as autoridades da Malásia, a mudança de trajeto foi feita manualmente por alguém que estava a bordo do avião.

Após o sumiço, muitas especulações. Além da possibilidade de queda do avião, autoridades da Malásia e da China suspeitavam de sequestro. Havia no avião Boeing 777 duas pessoas com passaporte falso, que mais tarde seriam identificadas como iranianos.

O jornal britânico “*The Telegraph*” divulgou, no dia 21 de março, uma transcrição dos últimos 54 minutos da conversa dos pilotos a bordo com os controladores de voo do aeroporto Kuala Lumpur. Apontaram como desnecessária a repetição da informação de altitude de 35 mil pés. “Não corresponde à rotina normal do piloto dizer, em menos de seis minutos, que a altitude permanece a mesma”, afirmou o *The Telegraph*, que acredita que a sabotagem é uma das hipóteses para o desaparecimento do voo.

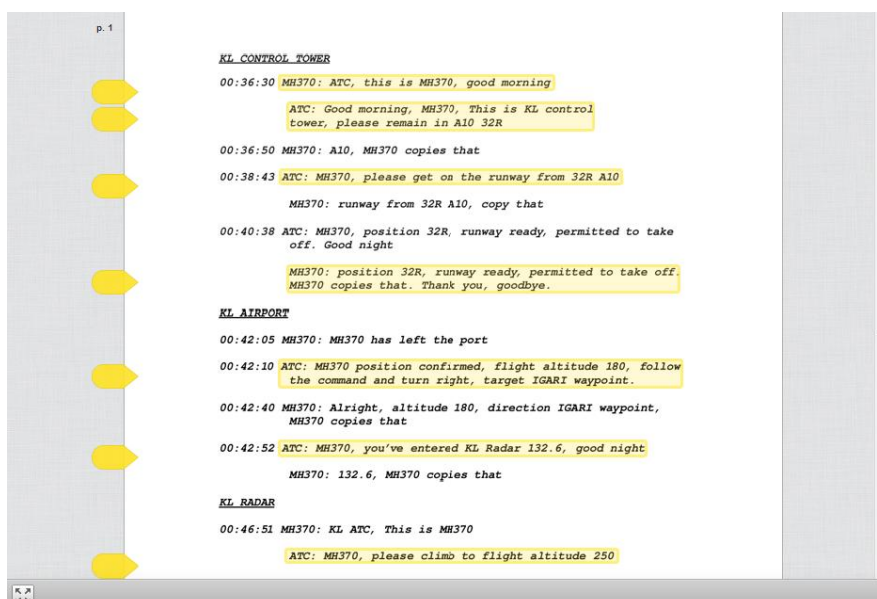


Figura 1. Transcrição do diálogo entre a aeronave e o aeroporto.



No dia 24 de março, pelo menos 239 pessoas – parentes de todos os que estavam a bordo do voo MH370 – receberam a notícia, por mensagem de celular, que marcaria o fim da esperança de sobreviventes."A Malaysia Airlines lamenta com pesar que temos de presumir, além de qualquer dúvida razoável, que o voo MH370 se perdeu e não há sobreviventes entre os que estavam a bordo".

O SMS foi mandado antes da coletiva de imprensa em que o primeiro ministro da Malásia fez o anúncio afirmando a queda do avião no Oceano Índico. De acordo com ele, a informação foi obtida com base em uma nova análise de dados de satélite, em que encontraram destroços do voo em uma área a 2,5 mil Km ao sudoeste da cidade litorânea de Perth, na Austrália.

Contudo, ainda não se tem confirmação de que os objetivos avistados no mar por aviões chineses e australianos sejam mesmo do voo MH370. Até a data em que finalizamos este artigo, as buscas pelo avião continuavam. Fato que para alguns representa a incerteza da queda, do encontro de destroços do MH370. A falta de imagens e a falta, também, de um discurso com informações e provas sobre o avião ainda geram algumas controvérsias sobre a rota final do voo.

Um acontecimento de tal relevância e de tal impacto, social e político, como o desaparecimento do avião MH370, torna-se o principal “atrativo noticioso” dos meios de comunicação. E em casos como esse requer uma cobertura jornalística digna do impacto que o fato gera na sociedade.

A importância que um fato terá nas páginas de jornais ou no noticiário de televisão é definida por valores que hierarquizam as reportagens de acordo com o destaque merecido. Isso se dá por alguns critérios jornalísticos, em que se sobrepõe a novidade do fato. Para Mauro Wolf: “valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto a seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente” (2003, p.202).

“A notícia é uma construção social” (SILVA, 2005, p.8), são acontecimentos provocados pela humanidade, ou sofridos por ela. Contudo, o centro de cada reportagem é a vida humana, sejam suas glórias, sejam seus devaneios, sejam suas fraquezas. Os



critérios que levam uma reportagem ser ou não noticiada são também fruto de uma produção cultural: do gosto, do interesse da população.

A partir do século XX, diversos autores elencaram seus valores notícias. Silva em seu artigo Para Mauro Wolf (2003), a importância do indivíduo (nível hierárquico) influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas e relevância quanto à evolução futura. Para Chaparro (1994), atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade, surpresa. Enquanto para Lage (2001), proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo, identificação humana são os principais aspectos que fazem uma notícia ser divulgada.

Os valores elencados no século passado ainda influenciam as redações de jornais. Só que no século XXI, a diferença é o número desses valores notícias.

Um acontecimento cujo valor-notícia dominante seja a tragédia ou a proeminência pode ser resultado da combinação dos macro-atributos negativo-coletivo-imprevisto ou positivo-individual-previsto, ou resultado de todas as variações aí possíveis, retomando inclusive os macro-valores importante (interesse público) e/ou interessante (interesse do público)– lembrando ainda, obviamente, que mesmo acontecimento pode carregarem si mesmo atributos contrários. (SILVA, 2005, p.12.)

O desaparecimento do avião que fazia o trajeto Kuala Lumpur – Pequim reúne uma série de valores-notícia. Entre morte, suspense, acidente, tragédia, quantidade de envolvidos, destaca-se como um fator notícia, como aquilo que instiga o repórter e atrai o leitor/telespectador, a incerteza do que aconteceu com o avião, do que está sendo divulgado pelas autoridades malasianas e até a falta de provas concretas, como imagens.

O fato que ocorreu no dia 8 de março, ainda hoje, mais de 20 dias depois, está sendo assunto nos jornais. Após a provável solução do caso, no dia 24, o assunto voo MH 370 não terminou. Chineses, malasianos, indonésios, italianos, estadunidenses, franceses, ucranianos, canadenses, russos, holandeses, austríacos, taiwanês, neozelandês ainda querem mais do que apenas uma coletiva do primeiro ministro da Malásia, querem provas.



E assim como os acontecimentos se fazem de fatos concretos, o jornalismo também. Contudo, como já falamos, o jornalismo é uma construção social e enquanto a sociedade não estiver satisfeita com os “resultados”, o jornalista ainda deve investigar.

No caso do voo MH 370, além dos valores notícias, deve-se analisar o discurso jornalístico. Devido à distância do acontecimento, pelo menos do Brasil, a maioria das notícias era proveniente de agências de notícias. O distanciamento percebido na fala, a falta de detalhes, e principalmente a falta de imagens foram fatores que contribuíram para notícias frias, sem nenhum diferencial, sem nem ao menos, uma percepção do jornalista.

Assim, analisaremos, ao longo desse trabalho, a forma como a imprensa brasileira noticiou o desaparecimento do avião da companhia Malaysia Airlines. Como objeto de estudo, utilizaremos reportagens da Folha de São Paulo, um dos jornais de maior circulação e maior importância no país.

AS IMAGENS NO JORNALISMO

Não é de hoje que as imagens são utilizadas no jornalismo impresso. Muito antes dos telejornais, os jornais diários, no final do século XIX, já usavam recursos visuais para atrair leitores. A *Imprensa Ilustrada* era composta por *new magazines* ilustradas, que adotavam o uso de imagens como forma de informação, técnica que viria a ser acolhida alguns anos depois pelos jornais.

De acordo com Jorge Pedro Sousa, no livro *Uma breve história do jornalismo no ocidente*, o cenário dos jornalistas do século XIX era o da Guerra de Secessão. Vários jornais haviam enviado correspondentes para cobrir os desdobramentos da guerra civil norte-americana. Este acontecimento revolucionou o jornalismo da época; os repórteres começaram a noticiar o mais importante primeiro (princípio de *lead*), já que enviavam as informações por telégrafo, e muitas vezes havia perda de conteúdo. Os repórteres, também, mandavam fotografias aos jornais, que eram transformadas em ilustrações e publicadas junto ao texto. Naquela época, os atrativos visuais eram o diferencial de um jornal, atualmente tornaram-se banais em nosso cotidiano. Mesmo assim, casamento entre foto e texto é fundamental. Ainda existe uma sedução inegável do design. De acordo com Rafael de Sousa e Silva (2005) *apud* Fabiane Bulawski (2009): “Não é por acaso que, ao olharmos para uma página de jornal ou revista, que apesar de comportar



dois discursos – o verbal e o visual, somos atraídos primeiramente para a narrativa visual”. Essa narrativa, ainda que contenha apenas uma informação fragmentada, ajuda tanto para complemento das informações dispostas no texto quanto para legitimação do fato aos olhos do leitor.

A IMAGEM NO TEXTO JORNALÍSTICO

Quem nunca ouviu o ditado: “nunca julgue um livro pela capa”? Dificilmente, a atração do texto é maior do que a do estímulo visual. De acordo com Fabiane Bulawski (2009), um estudo foi realizado através do *The Poynter Institute for Media Studies*, nomeado de *Eyes on the News*. A pesquisa, realizada em 1991, estudava a maneira como os leitores liam os jornais. Partiam do pressuposto que a leitura se estabelece do canto esquerdo, para o inferior direito, porém ao decorrer das análises ficou comprovado que a atenção principal é direcionada para o elemento predominante na página, seja ele título, fotografia, gráfico ou ilustração.

A utilização de fotografias ou de outras imagens conduz, em princípio, um índice maior de leitura dos títulos a que estão associadas, mas não garante a leitura do texto; porém, a utilização de imagens tende a ser mais importante do que no que respeita o processamento no resto do texto (BULAWSKI, 2009, p 52).

O estudo prova a importância das imagens. O fotojornalismo atua, de acordo com Frederico Tavares e Paulo Vaz (2005): “Como uma ponte entre o leitor e o acontecimento, permitindo ao espectador imaginar o cenário e de alguma forma o que aconteceu ali”. Então, nos deparamos com a problemática: e quando não há imagens?

No dia 8 de março de 2014, o Boeing 777, da Malaysia Airlines, transportava 239 pessoas com destino a Pequim. Em algum lugar no meio do percurso, o avião parou as transmissões e desapareceu no oceano. Atualmente, existem diversas suposições e suspeitas quanto ao caso. Tanto por parte da população, quanto por parte da imprensa e autoridades envolvidas. O caso teve repercussão internacional, principalmente, devido ao mistério que envolve o avião.

As autoridades da Malásia, juntamente com a direção da companhia aérea responsável pelo voo, declararam no dia 17 de março que o avião havia caído no mar. Entretanto, a



falta de fotos e o uso de imagens que não são esclarecedoras causam diversas dúvidas. Nenhuma imagem dos destroços do avião foi divulgada pela imprensa, apenas fragmentos coloridos do que poderia ser o Boeing. Entretanto, a falta de imagens é inversamente proporcional ao número de notícias divulgadas, o assunto é continuamente pautado por vários veículos de comunicação, dentre eles, a Folha de São Paulo.

Como o avião desapareceu e ainda não foi encontrado, é lógico que faltem imagens. Os jornais optam pela repetição de fotos de parentes e dos possíveis fragmentos do Boeing, além de infográficos com a possível rota do avião. Essas imagens, porém, não satisfazem o espectador que deseja enxergar o local do acidente, entender o contexto do fato e inserir-se no cenário da possível queda do Boeing.

O século XXI é o da multimídia, todos os estão conectados e em questões de segundos vídeos, fotos e textos perpassam o limite espaço/tempo. Hoje, existem redes sociais voltadas apenas para o compartilhamento de imagens, como o *Instagram*. Através de fotografias, feitas pelos próprios celulares, divulgamos aos amigos virtuais por onde estamos passando, o que estamos comendo, e algumas situações curiosas que vemos nas ruas.

René Descartes, no século XVII, relacionava a existência ao pensar. No século XXI, relacionamos ao aparecer. E esse “ser visto” está diretamente ligado à fotografia que compartilhamos e à quantidade de “likes” que recebemos. É uma forma de comprovar que de fato estamos em algum lugar. A imagem compartilhada é a legitimação do

Na comunicação, “a fotografia é valorizada porque nos fornece informação” (SONTAG, 1981, p.21). A imagem complementa o texto escrito e legitima o acontecimento. Tornou-se tão vital para a compreensão de alguns fatos, que meios de comunicação divulgam, em alguns casos, imagens amadoras e até fotos tiradas de aparelhos celulares.

Em meio a uma dinâmica visual, o jornalismo depara-se com uma grande pauta, o mais grave acidente internacional do ano de 2014. De encontro a isso, a falta de imagens, um dos elementos mais importantes do jornalismo atual.

Infográficos são feitos em uma tentativa de suprir a falta de fotografias. Contudo, eles não suprem a dificuldade de se compreender o contexto em que o avião caiu, o sentimento de países que perderam seus cidadãos. Através de reportagens da Folha de



São Paulo, jornal mais popular do Brasil, analisaremos a composição do texto com a carência de ilustrações, e como nos tornamos dependentes da imagem para a compreensão do fato.

AS REPORTAGENS NA FOLHA

Analisar-se-á os recursos visuais de duas reportagens veiculadas na Folha de São Paulo, um jornal diário, criado em 1 de janeiro de 1960 a partir da fusão de três outros jornais: Folha da Noite (1921), Folha da Manhã (1925) e Folha da Tarde (1949). Sua tiragem alcança cerca de 301.299 exemplares diários, desde 1984, quando defendeu as eleições diretas para a presidência.

O grupo Folha possui, ainda, outros três jornais: O *Valor*, que é direcionado à economia; *Alô Negócios*, jornal de classificados distribuído em Curitiba; e o *Agora*, que é um jornal popular veiculado na cidade de São Paulo. Atualmente, a Folha de São Paulo é o jornal de maior veiculação em todo o Brasil.

Por ser o principal jornal diário brasileiro, e o mais próximo da nossa realidade – visto que os demais grandes jornais são internacionais – escolhemos a credibilidade da Folha de São Paulo para aprofundar nossa pesquisa.

A análise de cada reportagem será feita de forma descritiva e comparativa. A fim de encontrar semelhanças e particularidades da matéria que noticiou o desaparecimento no dia 8 e a do dia 18 de março, quando as autoridades malasianas anunciaram que o avião havia caído no oceano.

No dia 8 de março, a Folha publicou na página A20 mundo a notícia do desaparecimento do Boeing: “Avião da Malásia some com 239 a bordo”.



Figura 2. Primeira matéria publicada sobre o desaparecimento do Boeing.

O texto é proveniente de agências de notícias, composto por muitos dados que sustentam a informação. A principal fonte, e única, é a companhia aérea do avião desaparecido, Malaysia Airlines. Por isso, a exatidão do número de passageiros, suas nacionalidades e idades, bem como a rota que deveria ser realizada pelo avião.

O texto é bem direto, seguindo o modelo do *lead* que contém as principais informações, como o número de passageiros, hora de saída da Malásia e previsão de pouso em Pequim. O corpo da matéria é sustentado pelo que o avião deveria fazer, devido à falta de notícias sobre seu paradeiro. Como decorrente em reportagens dessa gravidade, a notícia termina com uma retrospectiva histórica dos acidentes aéreos de voos da companhia, contendo informações como a data e a dimensão do último acidente aéreo da companhia.

Do lado direito da matéria, um infográfico apenas ilustra as mesmas informações contidas no texto, não complementando o texto. O mapa traça a rota Kuala Lumpur – Pequim, trajeto não concluído, e traz o número de passageiros e tripulantes.



Figura 3. Infográfico ilustrando a rota, número de passageiros e tripulantes.

A segunda matéria analisada foi veiculada no dia 18. Já no título "Em hotéis de Pequim, parentes exigem respostas sobre avião" percebe-se a mudança no discurso jornalístico, pela proximidade da escrita com o fato e, conseqüentemente, com o leitor.

"Um salão no segundo andar de um hotel em Pequim tem concentrado emoções intensas nos últimos dez dias, que oscilam a cada boato ou notícia entre o desespero, a frustração e a esperança".

A reportagem é escrita por um correspondente da Folha, Marcelo Ninio. O tom mais pessoal do texto é devido à voz dada aos personagens e não só a dados técnicos. Como fonte destaque temos os parentes das vítimas, o lado emocional e também de revolta é percebido ao longo da reportagem. "Agora nos dizem que a investigação passou a ser criminal, mas não nos explicam o motivo. Continuam a mentir e falar absurdos. Queremos respostas.", disse à Folha Wen Wancheng, 63, cujo filho de 30 anos estava no voo.

A matéria aproxima-se de um jornalismo interpretativo⁴, com contextualização do local em que ela foi apurada: "A portas fechadas, guardadas por cinco corpulentos seguranças, parentes dos passageiros do Boeing 777 da Malaysia Airlines, desaparecido desde 8 de março, se reúnem diariamente para receber informações da empresa." A reportagem também instiga a reflexão dos desdobramentos do caso, além de trazer o sentimento dos parentes sobre esse desaparecimento:

“Se tinham informações de satélite de que o avião foi desviado, por que não contaram? É um absurdo que nos deixem acompanhar tudo por boatos.”, disse um jovem parente sem se identificar.

Além da imagem dos parentes reunidos no salão do hotel em Pequim, há a presença, também, de infográficos. Dessa vez, eles complementam a informação, sendo autoexplicativos. E procuram representar, em imagens, a informação dada pelo primeiro ministro da Malásia, mas que até a data da publicação do artigo não havia nenhuma imagem oficial do satélite.

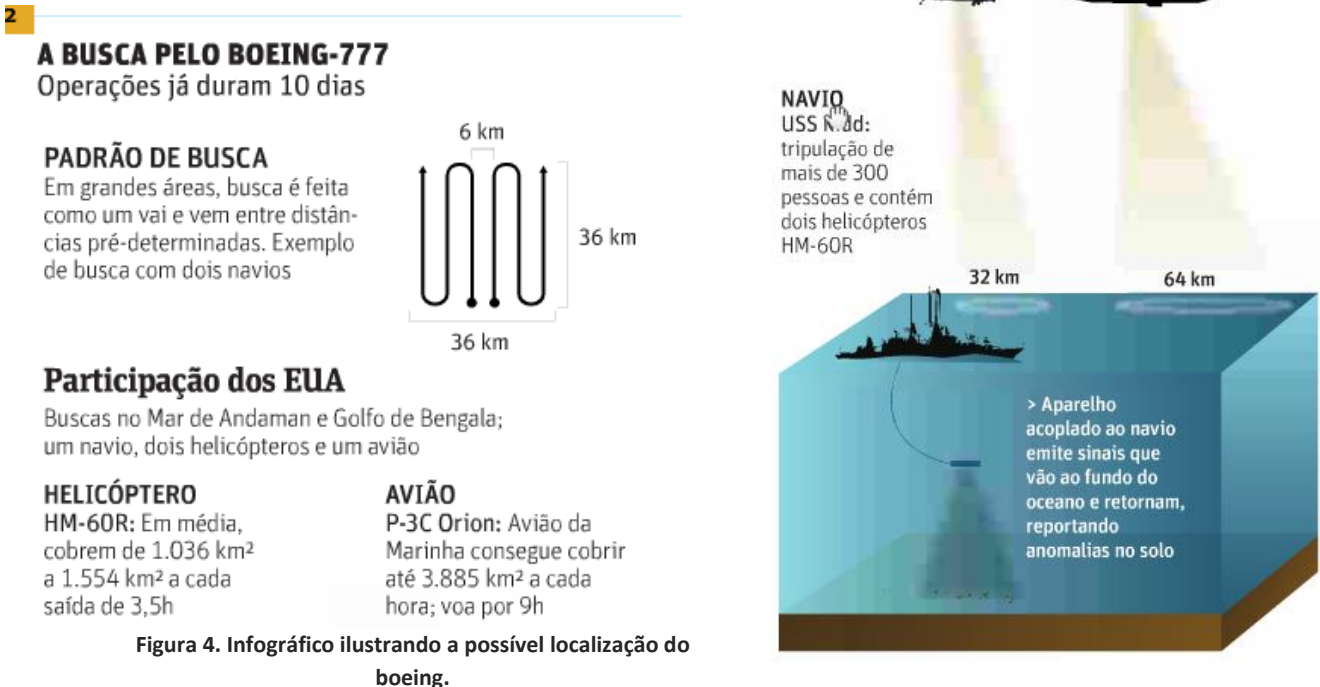


Figura 4. Infográfico ilustrando a possível localização do boeing.

O infográfico relacionado a essa reportagem explica como está sendo feita a busca do avião no oceano: o navio que está rondando a área e também dois tipos de aeronaves. A informação passada pela imagem é independente do texto, contribui para a compreensão do leitor e sua inserção no fato.

É perceptível a mudança discursiva entre os textos. A proximidade do veículo com o fato é a causa principal da visível mudança: a primeira matéria é feita através da compilação de textos providos de agências de notícias, já a segunda é de um correspondente da Folha de São Paulo, direto de Pequim.

Um dos porta-vozes da companhia declarou que ainda não há mais informações sobre o voo.



Os ânimos se tornaram mais exaltados depois que as autoridades malasianas anunciaram uma virada na investigação, descartando a hipótese de falha mecânica ou erro humano para se concentrar nas evidências de que o avião foi desviado por alguém a bordo.

Figura 5. Trecho das reportagens do dia 8 e 18 de março, respectivamente

Consequência da presença do repórter no local são as fontes e o estilo da escrita. O contraponto dos entrevistados é notável na matéria do dia 18, que além da voz da companhia aérea acrescentou-se a voz dos parentes e a impressão do repórter quanto o ambiente e sensações dos envolvidos. O jornalismo interpretativo concedeu à reportagem uma pessoalidade e a oportunidade da contextualização aos leitores, bem diferente da primeira notícia veiculada pela Folha.

"Mas há poucas respostas e o sentimento predominante é de revolta. Após dias de buscas e investigações inconclusivas, a maioria está convencida de que a verdade está lhes sendo omitida." -trecho da reportagem do dia 18 de março.

Novamente, os infográficos estão presentes no texto, dessa vez de forma mais ilustrativa e melhor explorados. No dia 18, a ilustração cumpriu o papel de complementar as informações contidas no texto, já no dia 8, ele apenas ilustrou a notícia.

A alteração discursiva foi consequência do interesse popular no assunto, o que fez um jornal de São Paulo se deslocar até a Pequim, mesmo sem envolver algum brasileiro no acidente, para fazer uma cobertura aprofundada do fato. Além disso, o repórter usou técnicas jornalísticas para suprir a falta de imagens, como o jornalismo interpretativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo impresso se estabeleceu através do conjunto texto e imagem, essa última fala por si, não é mais uma interpretação da escrita, mas sim um complemento, uma informação extra.



Em acontecimentos como o do avião MH370, o repórter, além da função de informar, tem o dever de inserir o leitor no assunto, através de uma contextualização sólida - trazendo a cena vivida por todos os envolvidos, seja a companhia aérea, seja parentes, seja autoridades dos países envolvidos, as páginas dos jornais, e a fotografia facilita a compreensão do leitor no quesito espaço/tempo.

Na reportagem da Folha de São Paulo publicada no dia 8 de março, pode-se sentir a lacuna da falta da fotografia. O infográfico apenas representou em imagem o que o texto já havia falado. Contudo, no dia 18, o jornal conseguiu suprir a falta da fotografia com alternativas do próprio jornalismo: o infográfico foi complementar, casando com a informação trazida no texto e não apenas ilustrando, e o texto contextualizou, com descrições completas, o cenário, o ambiente, e a sensação, fatores que são compreendidos, normalmente, em retratos. A Folha de São Paulo, portanto, adaptou-se às limitações proporcionadas pela particularidade da notícia.

REFERÊNCIAS

BULAWSKI, Fabiane. **Jornalismo visual e Infografia: Uma análise das revistas de informação Veja, IstoÉ e CartaCapital**. Monografia de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2009.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Ufsc-Insular, 2001.

SILVA, Gislene. **Valores-notícia: atributos do acontecimento (Para pensar critérios de noticiabilidade I)**. Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. 2005



SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Bocc, 2008.

TAVARES & VAZ, Frederico e Paulo. **Fotografia Jornalística e Mídia Impressa: formas de apreensão.** Revista FAMECOS. 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** São Paulo: Martins Fontes: 2003.